



O desvio de função dos cadernos culturais na cidade de Manaus.¹

Luiza Elayne Azevedo LUÍNDIA²

Cristiane Naiara Araújo de SOUZA³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus – AM⁴

Resumo

O presente trabalho busca avaliar os espaços reservados ao Jornalismo Cultural, no contexto local. Esse subtipo jornalístico encontra lugar principalmente nas revistas, mas tem seu espaço garantido nos jornais diários, entendendo-se como produções do mesmo os ensaios, as críticas, as resenhas, as crônicas e os artigos. Nos Cadernos Culturais são pautados os produtos culturais latentes no contexto social. Mas como está sendo usado tal espaço? Será que há um Desvio de Função nos ‘segundos cadernos’? Por meio das técnicas de pesquisa bibliográfica e de análise de conteúdo dos três jornais de maior circulação na cidade, traçaremos seu perfil constitutivo. Há, portanto, uma dualidade teoria/prática a respeito da pauta, da linguagem e da elaboração, enquanto produtos jornalísticos, dos cadernos de cultura.

Palavras-chave: Jornalismo Cultural; Cadernos Culturais; Desvio de Função.

1. Introdução

O Jornalismo Cultural encontrou lugar principalmente nas revistas, mas tem seu espaço reservado nos jornais diários, pelo menos nos grandes. Entendendo-se como produção desse tipo os ensaios, as críticas, as resenhas, as crônicas, os artigos e, obviamente, os textos de cunho prioritariamente informativo com temática cultural. Essa especialidade do jornalismo possui forma e conteúdo bem delineados. É a um dos

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo, do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 27 a 29 de maio de 2010, no Acre.

² Jornalista doutora em Ciências Ambientais, professora do DECOM/Ufam, tutora do Programa de Educação Tutorial de Comunicação Social (PETCOM) e líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação Social (GEPECS) da Ufam. E-mail: luindia@uol.com.br

³ Graduanda do 9º período de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, petiana egressa e colaboradora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação Social - GEPECS da Ufam. E-mail: criss_nicegirl@hotmail.com

⁴ Universidade Federal do Amazonas – Manaus, AM.

tipos de elaboração supracitados que se submetem os produtos culturais latentes no contexto social. A música, a literatura, a dança, o teatro, a pintura, o grafismo, as produções em rede digital e as políticas públicas de incentivo à cultura são algumas das categorias que podem ser pautadas.

No presente artigo, apresenta-se quantitativamente o material pesquisado, além de um estudo qualitativo de três textos com as categorias iguais, baseado na teoria da análise do discurso. Foram coletadas matérias publicadas nos jornais *A Crítica*, *Diário do Amazonas* e *Amazonas em Tempo*, em grande parte dos cadernos *Bem Viver*, *Plus* e *Plateia*, respectivamente, de 1º a 07 de março de 2010.

2. De Cultura e Jornalismo a Jornalismo Cultural

Para transitar no terreno híbrido formado por estes dois grandes campos Cultura e Jornalismo é necessário situar cada um deles. Interessante é um retorno ao significado de *Cultura*, como bem coloca Santos: “... diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade” (2004:24). Assim, a cultura perpassa de modo fractal, por tudo que se concebe e se aceita na atmosfera da vida social.

No sentido de uma análise mais objetiva, adota-se aqui, o conceito de Sodré: “cultura é aqui o conjunto dos instrumentos de que dispõe a mediação simbólica (língua, leis, ciências, artes, mitos) para permitir ao indivíduo ou ao grupo a abordagem do real. Os instrumentos ditos culturais são ‘equipamentos’ coletivos ou grupais, postos à disposição de todos” (1996: 85).

Em relação à abordagem jornalística, percebe-se, partindo-se de uma constatação empírica – a ser validada, que essa cultura, transmutada em seus produtos e serviços, constroi-se de modo narcotizante nas páginas dos jornais a ela dedicadas. Ainda para Sodré (1996), Cultura é aí, portanto, algo pragmaticamente vinculado ao mercado.

Num breve retorno cronológico, sucinto e necessário, nota-se que, desde os primórdios, o Jornalismo interessou-se pela Cultura. Piza mostra como foi esse início:

“... o jornalismo cultural, dedicado à avaliação de idéias, valores e artes, é produto de uma era que se inicia depois do Renascimento, quando as máquinas começaram a transformar a economia, a imprensa já tinha sido inventada (por Gutenberg em 1450) e o Humanismo se propagara na Itália para toda a Europa, influenciando o teatro de Shakespeare na Inglaterra e a filosofia de Montaigne na França.” (2008: 12).

No Brasil, “o jornalismo cultural só ganharia força no final do século XIX; e dele nasceria o maior escritor nacional, Machado de Assis (1839-1908)” (PIZA, 2008). Somente no século XX ganhariam espaço as publicações voltadas à nova corrente literária, com a efervescência cultural advinda da *Semana de Arte Moderna*, nos idos de 1922, segundo Piza (2008): “... o modernismo paulista teve na linha de frente a revista Klaxon título que significa ‘buzina’; e o buzinaço promovido por Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Victor Brecheret [...]”.

Atualmente, corroborando com a discussão aqui proposta, é possível constatar em que se transformaram as páginas dos cadernos culturais, perpassadas por essa concepção tão jovem do presente ‘pós-moderno’, que, de ser tão efêmero, deixa tudo para depois, num quase ‘pós-jornalismo-cultural’. Assim, Marshal define:

“uma cultura que já vem pronta para o consumo. O locus pós-moderno instala no hábitat natural uma cultura híbrida, paradoxal e universal, mais profunda que a cultura ambivalente da modernidade. Essa mutação, simbiose da própria natureza humana, determina os conceitos e os significados de uma era sem nome” (2003: 16).

Sustentando essa afirmação, percebe-se que a força motriz do jornalismo diário é marcada, nas redações, por lutas “... contra o tempo e o espaço e procurando vencer a trajetória dos ponteiros através dos mostradores do relógio, deve o copidesque selecionar e condensar textos das várias procedências, adaptando-os a um espaço predeterminado” (Erbolato, 2006: 91).

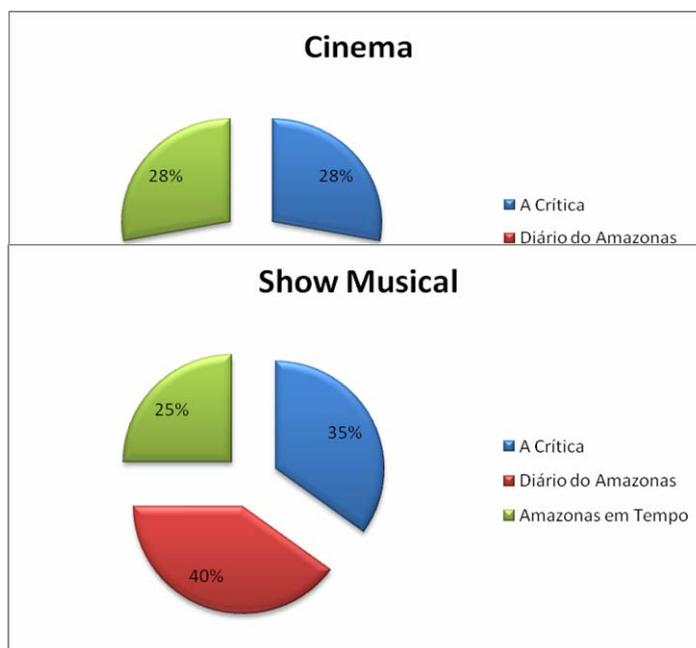
3. Material Coletado

1. Cinema

A Crítica: 7;

Diário do Amazonas: 11;

Amazonas em Tempo: 7.





2. Show Musical

A Crítica: 14;

Diário do Amazonas: 16;

Amazonas em Tempo: 10.

3. Teatro

A Crítica: 4;

Diário do Amazonas: 4;

Amazonas em Tempo: 4.

4. Dança

A Crítica: 1;

Diário do Amazonas: 1;

Amazonas em Tempo: 3.

5. Literatura

A Crítica: 4;

Diário do Amazonas: 2;

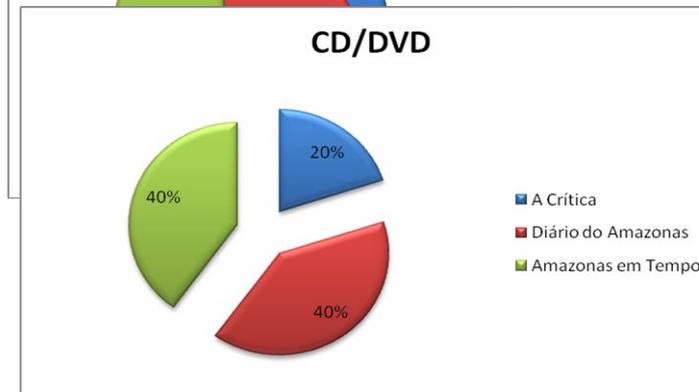
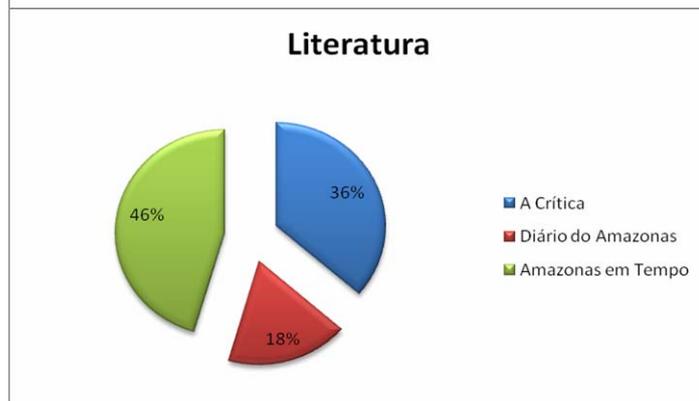
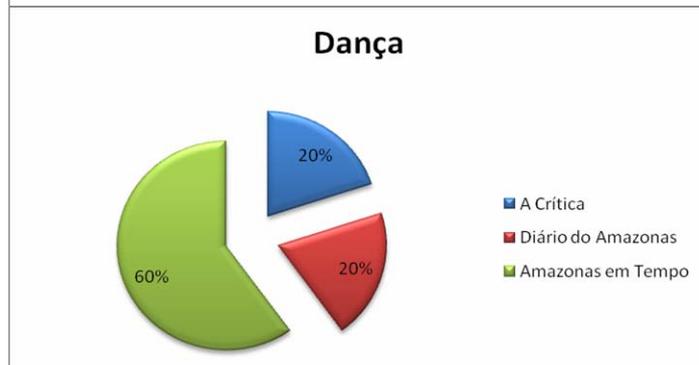
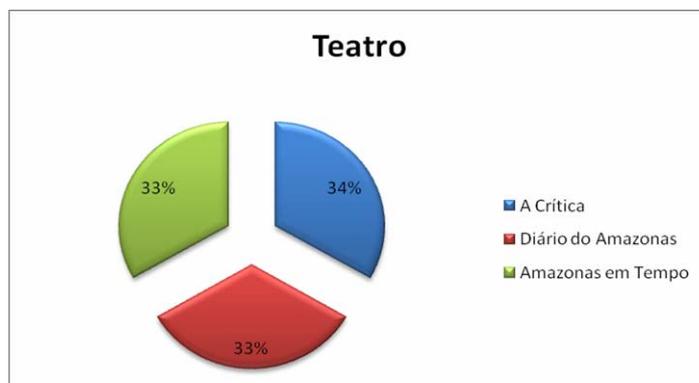
Amazonas em Tempo: 5

6. Pintura/Grafismo

A Crítica → 1;

Diário do Amazonas → 0;

Amazonas em Tempo → 1.



7. CD/DVD

A Crítica → 3;

Diário do Amazonas → 6;

Amazonas em Tempo → 6

8. Jogos/Internet

A Crítica: 2;

Diário do Amazonas: 1;

Amazonas em Tempo: 3.

9. Políticas Culturais (públicas/ privadas)

A Crítica: 6;

Diário do Amazonas: 0;

Amazonas em Tempo: 2.

10. Agenda Cultural

A Crítica: 3;

Diário do Amazonas: 1;

Amazonas em Tempo: 1



Algumas observações quantitativas concernentes, discriminadas a seguir:

- ✓ Jornais que possuem todas as categorias -> A Crítica e Amazonas em Tempo.
- ✓ Categorias encontradas em dois dos jornais pesquisados -> Pintura/Grafismo: A Crítica (1) & Amazonas em Tempo (1); Políticas Culturais (públicas/ privadas): A Crítica (6) & Amazonas em Tempo (2).
- ✓ Categorias coincidentes em todos os jornais -> Cinema, Show Musical, Teatro, Dança, Literatura, CD/DVD, Jogos/Internet e Agenda Cultural.

4. Análise do Discurso/ Análise do Conteúdo

Aqui será realizada a análise de conteúdo propriamente dita. Pretende-se destrinchar três dos textos jornalísticos coletados nos jornais supracitados, com embasamento teórico de *Mainueneau* (2000), citado por Angelim, e *Charaudeau* (1992), citado por Ribeiro. As matérias escolhidas são da categoria *Teatro*, presente nos três jornais, relativas ao espetáculo do Grupo Tapa, ‘Cloaca’. Constituir-se-ão, portanto, estudos tanto individuais quanto comparativos da construção textual.

Partindo da noção circunstancial em que se configura o discurso, sabe-se: “A *Análise do Discurso* não procura identificar processos universais [...] argumentando que o discurso é sempre circunstancial construindo a partir de recursos interpretativos particulares, e tendo em mira contextos específicos” (Gaskell, 2007: 264)

Será observada a utilização dos recursos de polifonias e os implícitos. Segundo Angelim (2003), nas dissertações de convencimento, usa-se frequentemente a polifonia como recurso estratégico. Suas marcas lingüísticas são: verbo no pretérito imperfeito, frases na voz passiva, verbos cujos significados explicitam tratar-se de outro falante (negar, desmentir, garantir...), uso de partícula indeterminadora do sujeito, modalização, discurso indireto, nominalização de fatos, restrição.

Angelim (2003), a propósito do verbete *implícito*, define-o como o conteúdo que não constitui, em princípio, o objeto verdadeiro da enunciação. Distinguem-se os implícitos semânticos (associados ao material lingüístico) dos implícitos pragmáticos (relacionados aos contextos), classificados, ainda, como pressupostos e subentendidos.

Serão observadas, ainda, as três categorias que condicionam a existência do modo de organização argumentativo do discurso, a saber: a proposta (*propos*), a proposição (*proposition*) e a persuasão (*persuasion*).

A proposta representa uma ou mais asserções sobre o mundo cujos conteúdos devem necessariamente gerar polêmica [...] A proposição, por sua vez, constitui o ponto de vista, a *tese* do sujeito argumentador com relação à veracidade da proposta [...] O terceiro elemento do dispositivo argumentativo – a persuasão – representa as provas que sustentam a proposição e que têm por alvo um sujeito. (Angelim, 2003: 123).

Ainda dentro da perspectiva de Charaudeau, estão dentre os tipos de argumentação: “... o *argumento de autoridade*, que se apóia no prestígio de uma pessoa ou de um grupo com a finalidade de obter aprovação para uma tese [o] *argumento de*



ilustração, que usa casos singulares para comprovar fatos gerais [e] a *metáfora*, examinada como figura do discurso” (Ribeiro; 2003: 123-124).

Finalmente, sobre o discurso das mídias, Charaudeau expõe:

“Discurso informativo e discurso didático aproximam-se, embora com diferenças, na atividade de explicação. Não uma explicação demonstrativa, como a que se encontraria numa obra científica, mas uma explicação explicitante. Esses dois tipos de discursos têm alvos bastante amplos, não especializados, logo, não precisão revelar uma verdade, mas somente colocá-la em evidência num quadro de inteligibilidade acessível a um grande número de indivíduos. Essa atividade é a “vulgarização”. Ora, toda vulgarização é, por definição, deformante” (2006: 62)

Texto I: Jornal A Crítica

Editoria	Bem Viver 02	Data	04 de março de 2010
Redator	Bruno Mazieri		
Título	Desvendando o universo masculino		
Subtítulo	Eduardo Tolentino, diretor do Grupo Tapa, vem a Manaus para o espetáculo “Cloaca”		
Corpo (o texto possui 9 parágrafos)			
Irreverência é a palavra que melhor define o espetáculo “Cloaca”. A começar pelo nome, nada convencional, a montagem chega a Manaus nos dias 19 e 20 deste mês, no Teatro Amazonas. No elenco, o conhecido ator Dalton Vigh e integrantes do Teatro Amador Produções Artísticas – o famoso Tapa –, um dos mais tradicionais do país. (1)			
“Cloaca é um texto da holandesa Maria Goos, escrito em meados de 2002, que ganhou notoriedade pelas adaptações espalhadas no mundo afora, tendo como tema principal as curiosidades do universo masculino de quatro amigos adolescentes que resolvem se encontrar quando estão na casa dos 40. (2)			
Diretor			
O espetáculo em terras tupiniquins leva a assinatura do diretor Eduardo Tolentino, conhecido por ser um dos fundadores do Grupo Tapa, ele se apaixonou pelo Teatro quando jovem. “As coisas aconteceram por acaso. Estávamos na efervescência dos festivais de música, do teatro e do cinema. Tudo nas décadas de 60 e 70. Era um País diferente do atual. Achávamos que poderíamos mudar o Brasil”, diz ele por telefone a ‘A Crítica’. (3)			

A relação de amor, que começou quando era apenas espectador, seguiu até os tempos de faculdade. “Acabou que formamos o Tapa na PUC do Rio de Janeiro. A partir daí, não deixei mais o Teatro”, afirma Tolentino. (4)

Peça

Para o diretor, o sucesso da peça deve-se ao fato de ser um olhar feminino diante do universo masculino. “Assisti ‘Cloaca’ em Londres, e por lá, já tinha êxito. A Maria Goos tem uma visão sutil desse mundo dos homens. Talvez se um homem tivesse essa ideia, não enxergaria as peculiaridades. Um texto crítico e, ao mesmo tempo, bem-humorado”. (5)

Ele ressalta que a peça tem um ar de resgate. “Eles são amigos há muito tempo. Cada um seguiu um caminho diferente. Mas com esse inesperado reencontro eles tentam resgatar tudo aquilo vivido na adolescência. Mas, como nada dura para sempre, os quatro começam a perceber que não existe mais uma intimidade”, explica. (6)

‘Cloaca’

Seguindo a linha do humor, o título da peça nada mais é do que uma saudação usada pelos amigos. “No texto original era usada uma palavra remetida a algo bem sujo. Quando houve a adaptação, decidimos por ‘cloaca’, por não remeter a coisas sujas. Não dava pra ficar usando o nome em holandês”, conta. (7)

Tolentino que já esteve em Manaus duas vezes – a primeira aos 4 anos e a segunda com 19 anos – está ansioso pela vinda à cidade. “Já tinha dito que não iria. Porém, a vontade de conhecer o Teatro Amazonas como profissional me fez pensar duas vezes. Sinto saudades do ‘Encontro das Águas’, da floresta e seus encantos. Curti demasiadamente a cidade aos 19 anos”. (8)

Apesar de estar focado na direção de “Cloaca”, Tolentino já divulga os projetos para 2010. “Estamos estudando o texto ‘Vestir Os NÚs’, de Pirandello, e em março estaremos com ‘O ensaio’ do francês Jean Anouilhe e seguimos até a Copa do Mundo com ‘Cloaca’. O ano promete ser agitado, finaliza. (9)

1. Elementos de Polifonia e Implícito:

1.1. Polifonia: A matéria de Bruno Mazieri é baseada essencialmente na fala do diretor e, expondo sobre o início do Grupo Tapa (3) e (4), seu julgamento sobre o sucesso da peça (5), sua exposição sinótica do enredo (6) e da escolha do nome (7), suas impressões a respeito de Manaus (8) e seus projetos para 2010 (9).

1.2. Implícito:

Pressupostos->

- ✓ *Eduardo Tolentino* é um nome importante no Teatro (*Subtítulo*), (4);
- ✓ Trata-se de uma peça humorística (1);
- ✓ O *Grupo Tapa de Teatro* é conhecido nacionalmente (1);
- ✓ *Dalton Vigh* é o mais famoso do elenco (1);
- ✓ O texto de *Maria Goos* é conhecido mundialmente (2);
- ✓ O universo masculino (entenda-se seus problemas, seus conflitos, suas frustrações etc.) será revelado ao público durante a apresentação (5), (6) e (7)

Subentendidos->

- ✓ O diretor é importante porque tem muita experiência com teatro, desde os tempos de universidade, nos anos 60 e 70, e também por dirigir um grupo conhecido nacionalmente;
- ✓ O próprio nome ‘Cloaca’, assim como a palavra irreverência (1) revela que a peça é de cunho humorístico. Isso também se revela por meio de uma leitura feminina do universo masculino e suas curiosidades, o que, no mínimo, é diferente.
- ✓ Se o Grupo tem notoriedade nacional, significa que os espetáculos por eles apresentados são de boa qualidade;
- ✓ O fato de Dalton Vigh ser o mais famoso do elenco fica claro quando o jornalista nem mesmo escreve os nomes dos demais na matéria;
- ✓ Se o texto mundialmente conhecido, isso significa que tem grande aceitação em diversos países e, por conseguinte, é interessante;
- ✓ No título diz-se que a peça pretende revelar o universo masculino, e é isso que reitera o diretor (6), mas num discurso evasivo.

2. *Elementos Argumentativos do Discurso*

- 2.1. *Proposta*: está explicitada no *Título* da matéria, ou seja, o autor afirma que o universo masculino será desvendado durante o espetáculo, de forma cômica;
- 2.2. *Tese (proposição)*: O jornalista tomou partido da proposta ao expor na primeira frase que a peça é irreverente. A partir de então, permaneceu neutro em relação à proposta. Quando teve a oportunidade de tomar posição, preferiu dar voz ao diretor (5), (6) e (7);
- 2.3. *Persuasão (argumentos)*: o de *autoridade* foi utilizado nos parágrafos (3), (4), (5), (6), (7), (8) e (9), por meio das citações diretas. É por meio da argumentação lógica e racional que se controla o texto, essencialmente no *lead*. Mais à frente, o diretor revela o principal valor da peça, o universo masculino desvendado pela lente

feminina. Esse é argumento sedutor, que ‘fisga’ o público ávido por conhecer essa ótica, ainda mais com a certeza de que será o espetáculo será dotado de humor, outro meandro sedutor.

Texto II: Diário do Amazonas

Editoria	Plus 15	Data	1º de março de 2010
Redator	Não assinada		
Sobretítulo	‘Cloaca’ é encenada por atores do tradicional Grupo Tapa de teatro. Apresentações serão nos dias 19 e 20		
Título	Comédia traz Dalton Vigh ao TA		
Subtítulo	A amizade está em jogo na comédia ‘Cloaca’, espetáculo teatral com Dalton Vigh, Grupo Tapa e direção de Eduardo Tolentino de Araújo. Após seis meses de sucesso absoluto de público em São Paulo, a peça chega ao Teatro Amazonas, dias 19 e 20 de março, às 21h		
Corpo (o texto possui 4 parágrafos)			
<p>‘Cloaca’, um texto inédito no Brasil, foi escrito em 2002 pela holandesa Maria Goos e logo ganhou montagens em diversos países, pois sua linguagem e temas contemporâneos despertam na plateia uma identificação que ultrapassa fronteiras geográficas. Em cena, quatro ex-amigos de faculdade, que usavam a palavra Cloaca como saudação, 5.reencontram-se após vários anos, agora, todos já na casa dos 40, e tentam reviver um 6.pouco do passado. Nesse encontro, eles irão discutir temas como masculinidade, 7.amizade, frustrações e problemas pessoais, tudo numa linha cômica. (1)</p> <p>O ponto de encontro é o apartamento de Pieter (Tony Giusti), um funcionário público gay que está em apuros por se apropriar indevidamente de obras de arte da prefeitura. Jan (André Garolli), um político medíocre prestes a ser nomeado ministro, é o primeiro a chegar, pedindo abrigo após se separar da esposa. Tom (Dalton Vigh), um advogado que acabou de sair de uma clínica para dependentes químicos, é chamado para ajudar na ‘causa’ das obras de arte. E Maarten (Brian Penido Ross), um frustrado diretor de teatro, junta-se ao grupo na véspera de estrear sua nova peça. (2)</p> <p>Esse reencontro vai provocar uma série de situações que irá testar os limites entre a amizade e o egoísmo. Dalton Vigh, que está de volta ao teatro após cinco anos, destaca-se entre os intérpretes por sua presença no palco. Seu personagem é o mais cômico do quarteto, mesmo tendo, aparentemente, o maior dos problemas: é viciado em cocaína. (3)</p> <p>Apesar da dramaticidade da história de cada personagem, o público se diverte durante as</p>			

quase duas horas de apresentação. O elenco ainda conta com a participação de uma personagem *stripper*, papel alternado pelas atrizes Camila Czerkes e Vanessa Docks. (4)

1. Elementos de Polifonia e Implícito:

1.1. *Polifonia*: A matéria não contém citações, logo, o discurso é baseado na fala do próprio jornalista, o qual deveria ser mediador da informação, mesmo que dela possa tomar partido favorável ou contrário.

1.2. *Implícito*:

Pressupostos->

- ✓ A peça fez sucesso em São Paulo (Subtítulo);
- ✓ O texto de *Maria Goos* é conhecido mundialmente (1);
- ✓ Haverá discussão de temas como masculinidade, amizade, frustrações e problemas pessoais (1);
- ✓ Trata-se de uma peça cômica (1);
- ✓ A trama se passa com tipos masculinos representativos na sociedade (2);
- ✓ *Dalton Vigh* é o mais famoso do elenco (3);
- ✓ A apresentação tem quase duas horas de duração (4);

Subentendidos->

- ✓ O sucesso que o espetáculo fez em São Paulo indica que, certamente, fará sucesso em Manaus.
- ✓ Se o texto foi adaptado mundialmente, isso significa que tem grande aceitação em diversos países e, por conseguinte, inclusive no Brasil;
- ✓ Os temas discutidos em cena são de interesse de muitos, pois fazem parte do cotidiano, das preocupações das pessoas;
- ✓ Pelo exposto no texto, sobre o desenrolar da trama, percebe-se a comicidade tanto pela saudação dos amigos (cloaca) quanto pela diversidade de tipos interagindo com suas problemáticas em plena meia idade. O público se reconhece, sente empatia;
- ✓ Se o personagem de Dalton Vigh é o mais engraçado, é uma opinião do redator do texto. Decerto, todos esperam dele uma boa atuação, pois se trata do nome mais visado do elenco;
- ✓ Uma apresentação de quase duas horas significa que o espetáculo poderá ser bem aproveitado, e que vale a pena comprar o ingresso para assisti-lo.

2. Elementos Argumentativos do Discurso



- 2.1. *Proposta*: O ator Dalton Vigh é o chamariz, como fica claro no *Título*. Mais adiante, no corpo do texto, os demais são apresentados, mas o jornalista reserva 3º parágrafo inteiro para falar do personagem dele, reiterando que se trata do mais cômico e esperado.
- 2.2. *Tese (proposição)*: O jornalista tomou partido da proposta ao escrever o *Título*, por ser o elemento de maior destaque, que poderia ter feito referência ao nome da Peça. Nos demais parágrafos ele manteve-se neutro em relação à proposta, apresentando, de forma geral, o texto e os demais personagens.
- 2.3. *Persuasão (argumentos)*: foi utilizado o argumento de *comparação* no Subtítulo, quando o autor do texto diz que a peça foi sucesso absoluto em São Paulo (fica o questionamento: será sucesso absoluto em Manaus também?). Há, ainda, uma argumentação *causal*, pois a causa do sucesso da apresentação em Manaus tem relação direta com o fato de Dalton Vigh compor o elenco.

Texto III: Amazonas em Tempo

Editoria	Plateia C3	Data	04 de março de 2010
Redator	Mencius Melo		
Título	Peça narra reencontro tragicômico		
Subtítulo	A montagem ‘Cloaca’, que marca o retorno do ator Dalton Vigh aos palcos, será encenada no Teatro Amazonas, nos próximos dias 19 e 20		
Corpo (o texto possui 6 parágrafos)			
<p>O bem-humorado texto da montagem “Cloaca”, do Grupo Tapa de Teatro, poderá ser conferido em Manaus, nos próximos dias 19 e 20, no Teatro Amazonas, a partir das 21h. Com personagens beirando a tragédia, a peça é uma tragicomédia escrita pela holandesa Maria Goos, em 2002. Em São Paulo, está em cartaz há seis meses. O destaque do elenco é o ator Dalton Vigh e a direção é de Eduardo Tolentino de Araújo. (1)</p> <p>Além de Vigh, estão no elenco os atores Tony Giusti, André Garolli, Brian Penido Ross e as atrizes Vanessa Docks e Camila Czerkes. O nome “Cloaca” é uma espécie de senha usada por quatro amigos nos tempos de faculdade. Distanciados pelo tempo, eles se reencontram na casa dos 40 anos para compartilhar as histórias de lutas e fracassos de cada um. (2)</p> <p>Pieter (Tony Giusti) é um funcionário público gay que se mete em confusões depois de se apropriar de obras e arte da prefeitura local. “Escondido” em seu apartamento, ele é obrigado a hospedar seu amigo Jan (André Garolli), um político raso que pode se tornar ministro, mas que está em pleno processo de separação. (3)</p>			

Entra em cena Tom (Dalton Vigh), advogado e amigo que pode ajudar no caso das obras de arte, desde que possa também superar a dependência química de cocaína. (4)

O frustrado diretor de teatro Maarten (Brian Ross) junta-se à trupe de fracassados que passa a ser composta por um ladrão, um medíocre, um cocainômano e um artista fracassado. Completa o elenco uma *stripper*, cujo papel é revezado pelas atrizes Vanessa Docks e Camila Czerkes. (5)

Há quatro anos sem pisar nos palcos teatrais, Dalton Vigh atuou em novelas como “Xica da Silva” (Manchete), “Pérola Negra” (SBT), “O Clone” (Globo), “Duas Caras” (Globo), “Negócio da China” (Globo) e na minissérie “Cinquentina” (Globo). (6)

1. Elementos de Polifonia e Implícito:

1.1. *Polifonia*: Assim como a anterior, esta matéria não contém citações, logo, o discurso é baseado na fala do próprio jornalista, o qual deveria ser mediador da informação, mesmo que dela possa tomar partido favorável ou contrário.

1.2. *Implícito*:

Pressupostos->

- ✓ A peça é uma tragicomédia (*Título*), (1);
- ✓ O espetáculo marca o retorno de *Dalton Vigh* ao teatro (*Subtítulo*);
- ✓ Trata-se de uma peça cômica (1);
- ✓ A trama se passa com tipos masculinos representativos na sociedade (3), (4), (5);
- ✓ *Dalton Vigh* tem vasta experiência em telenovelas (6).

Subentendidos->

- ✓ O fato de o espetáculo ser tragicomédia significa que as histórias, mesmo sendo trágicas, são encaradas e interpretadas de forma cômica. O jornalista fala de dois aspectos denotativos de humor: o nome do espetáculo (*Cloaca*) e o texto;
- ✓ *Dalton Vigh* é conhecido nacionalmente, por ter atuado em diversas telenovelas, isso significa que seu nome deve estar associado à peça, o que garante mais público;
- ✓ Os tipos apresentados em cena, bem como suas histórias de vida, remetem a uma trama complexa e cheia de surpresas. Há o fato de cada um dos personagens ter tido espaço reservado, apesar do destaque ainda ser para *Dalton Vigh*;

2. Elementos Argumentativos do Discurso

2.1. *Proposta*: O espetáculo é apresentado pelo autor da matéria como uma ‘tragicomédia’ (*Título*). Tal proposta evidenciada nos parágrafos (2), (3), (4) e (5)

do texto. Outra proposta é o fato de a peça marcar o retorno de Dalton Vigh aos palcos (*Subtítulo*), (1) e (6).

2.2. *Tese (proposição)*: No próprio título o jornalista, a partir de sua leitura pessoal do espetáculo, o chama de ‘tragicomédia’, como algumas apresentações eram classificadas ao longo da História do Teatro. Reitera no 1º parágrafo e desenvolve o texto explicitando uma sinopse da trama e as características dos personagens. O jornalista se mostra neutro em relação à segunda proposta.

2.3. *Persuasão (argumentos)*: Para mostrar ao leitor que se trata de uma apresentação tragicômica, o jornalista faz uso de argumentação *ilustrativa*, no sentido evidenciar as tragédias que se abatem sobre as vidas de cada um dos amigos, como exposto no parágrafo (5). Ele usa o roteiro como embasamento para sua tese. O mesmo argumento foi usado para o fato de Dalton Vigh ser o ator mais esperado do espetáculo, quando são elencadas as novelas das quais ele participou.

5. Considerações

A busca de uma análise, além de particularizada e comparativa, levou à escolha de textos da mesma categoria e sobre o mesmo produto cultural para que fossem percebidas semelhanças e diferenças. Os três tomam uma postura prioritariamente neutra e superficial, de caráter meramente informativo, mas que atende à lógica de mercado, de publicar, de escrever um lead dizendo onde será o espetáculo e quem é o ator principal. Fala-se um pouco sobre o roteiro, mas sem profundidade. Escreve-se sobre o Grupo Tapa, mas sem contextualizá-lo, embora se tenha percebido uma tentativa do Jornal A Crítica.

Portanto, esses espaços pesquisados são os ditos cadernos de variedades, abrigando também temas relativos à produção cultural local, nacional ou internacional. O fato é que, parte-se do pressuposto de que adotam uma linguagem típica do jornalismo informativo, baseado nos conceitos de lead e pirâmide invertida, por exemplo. Os ditos produtos não têm espaços próprios, em cadernos culturais; não são inseridos numa abordagem analítica, interpretativa e até opinativa, nos ensaios, críticas, resenhas, crônicas e artigos, mais interessantes na perspectiva do Jornalismo Cultural.

Há alguns pontos a discutir nos três jornais. As matérias do ‘A Crítica’ e do ‘Amazonas em Tempo’ estão assinadas, a do ‘Diário do Amazonas’ não. No ‘A Crítica’ usa-se em quase todos os parágrafos citações diretas do diretor da peça e põe-se em evidência a carreira e a percepção que ele tem a respeito da trama. Nos outros dois jornais não há



citações, e o texto é muito parecido, coincidentemente ou não. Nestes, o enredo e as características dos personagens é que se destacam.

Os três jornalistas demonstraram ausência de conhecimento sobre a companhia teatral, sobre as composições dos personagens e sobre a constituição da trama em si, pois tudo que se falou nesse sentido ou foi marcado pelo discurso de outrem ou foi evasivo e genérico a ponto de não propiciar, além da informação básica, uma interpretação, uma impressão ulterior à ótica de mercado ou das amarras da suposta ‘objetividade’ jornalística.

A linguagem, a abordagem e, antes disso, a escolha do que será pautado são baseadas em preceitos mercadológicos. No caso avaliado, peça teve grande repercussão em São Paulo, um ator famoso no elenco e uma trama conhecida mundialmente (argumentações típicas do discurso publicitário). Era jornalismo? Era publicidade transmutada? Tais questões geram outras problemáticas. O discurso é ambíguo. E o lugar, ainda indefinido.

Referências

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**/ Patrick Charaudeau; tradução Angela S.M Corrêa. – São Paulo: Contexto, 2006.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de Codificação em Jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. – 5 ed. – São Paulo: Ática, 2006.

MARSHAL, Leandro. **O Jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.]. V. 14, 11-60.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

BOWER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto - imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ANGELIM, Regina Célia Cabral. Polifonia e implícito como recursos argumentativos em textos midiáticos In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (orgs.). **Texto e discurso: mídia, literatura e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

RIBEIRO, Patrícia Ferreira Neves. **Estratégias de persuasão e de sedução na mídia impressa** In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (orgs.). **Texto e discurso: mídia, literatura e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.